

17 NOV 1996

# MINO CARTA

*Economia - Brasil*

## Um problema de mentalidade

*Ou, por outra: austeridade não rima com Brasil*

Estou no meio de uma conversa com economistas e um deles avisa: o Plano Real cria condições favoráveis ao desenvolvimento mas nada vai acontecer se a sociedade brasileira não for capaz de sacrifícios a curto prazo. Eu ouço sem ciência para argumentar com economistas, tanto mais formados pelas melhores escolas, inclusive a de Chicago, e a imagem que se instala imediatamente na minha cabeça é a de um país habitado por milhões de cigarras e meia dúzia de formigas. Então coço a cabeça e digo "epal!" O orador de plantão me encara perplexo.

A cigarra de uma fábula antiga queria viver na flauta esbanjando o que tinha, sem exclusão das energias. Era tempo de verão e a tal cigarra não pouava para o próximo inverno. Quanto à fábula que estamos vivendo, não consigo perceber uma maioria de cigarras embora me faltem os números do recenseamento das formigas. Os economistas, de todo modo, têm seus momentos de compaixão. Acabo entendendo que a sociedade brasileira — ricos, pobres e remediados — teria de mergulhar de bom grado num período de austeridade para se habilitar à contemporaneidade do chamado Primeiro Mundo. Com a voz trêmula, pergunto: "Sociedade brasileira? De quem estanços falando? Dos retirantes nordestinos e dos corretores da Bolsa? Dos morado-

mentários variados. A palavra austeridade, contudo, me impressiona.

Nem no Brasil ela é novidade, na boca de políticos e economistas, burocratas e empresários. Nada tenho contra a palavra, menos ainda contra o seu significado quando referido a políticas governistas e a comportamentos de fatias da sociedade ou mesmo de uma nação em peso. Me parece, apenas, que austeridade é para quem pode. Não sei se me explico — como aquele economista, por exemplo, não conseguiu me explicar. Há cinqüenta anos Attlee elegeu-se anunciando austeridade a uma sociedade bastante homogênea, e a coisa até que pareceu funcionar. No entanto, quatro anos depois os conservadores voltaram ao poder. Certo é que a sociedade brasileira está longe de ser homogênea. De verdade, é uma das mais desiguais do mundo.

Este é o ponto. Austeridade para a elite, para os aspirantes a elite, para quem come bife quando quiser, esta que venha, como sinal de amadurecimento, de compreensão dos problemas e de participação de um projeto destinado a resolvê-los. Não a exijam, porém, de quem já vive numa espécie de limbo atroz, à espera de ser valorizado como uma parte importante do capital deste país. O chamado capital humano, de valor potencial inestimável e no entanto até hoje negligenciado ir-

res dos Alagados e daqueles da Manhattan paulistana? Dos garimpeiros de Serra Pelada e dos sócios do Harmonia e do Country?" A perplexidade retorna aos olhos do meu interlocutor.

Procuro explicar. Que sacrifícios exigir do retirante, do garimpeiro, do morador dos Alagados, dos desvalidos do

Brasil, de 50 e mais milhões de miseráveis tolhidos para a consciência da cidadania? O economista deita sobre o acima assinado, encolhido em sua cadeira, um olhar entre preocupado e decepcionado. Percebo que ele esperava mais de mim. Não sem um traço de generosidade, ele se espanta com os meus limites. Pergunta, suavemente: "Você pretendaria excluir este pessoal do processo de desenvolvimento?" Nestas horas, podem crer, eu me esforço. Não, oh! não, não quero excluí-los, muito pelo contrário, se dependesse de mim eles, os desvalidos, já estariam incluídos. Há muito tempo teriam deixado de ser desvalidos. Acho apenas que, nas condições de hoje, não há como sacrificá-los mais. Ele encerra o assunto: "Você não entendeu. Todos devem participar, porque todos são cidadãos". Deixo para lá.

Naquela roda de economistas, na qual penetrei por acaso, a palavra austeridade circulou como bola em treino de dois toques. Pela primeira vez, antes a li do que a ouvi, menino, num livro inglês, para designar personagem grave e até sisuda, um cavalheiro sempre metido em trajes negros. Se não me engano, se popularizou como distintivo de políticas de contenção econômica a partir do governo de Clement Attlee, o líder trabalhista que substituiu o conservador Winston Churchill na Grã-Bretanha do imediato pós-guerra. Achei-a, recentemente, num breve ensaio que o principal formulador do Plano Real, Gustavo Franco, escreveu para definir os principais rumos da política econômica do governo FHC. Trata-se de um texto que há meses freqüenta mesas ilustres e já mereceu co-

O

*Brasil teria de crescer habilitando cada vez mais brasileiros à consciência da cidadania.*

responsavelmente. E se houver dúvidas sobre este monstruoso desperdício, reparem na sistemática ausência de planos de saúde e educação sérios, honestos e dignamente respaldados pelos recursos necessários, até por parte deste governo FHC que se arvorava a renovador. Com o apoio dos eter-

nos donos do poder, inegotáveis na sua determinação de fingir mexer em algumas coisas para não mexer, de fato, em coisa alguma.

Não me atiro a dizer que o pregador da austeridade das linhas iniciais deste artigo pertence à categoria acima. Trata-se, certamente, de um homem de boa-fé e vontade idem. A mim me preocupa, entretanto, é a *forma mentis* (citações em latim conferem prestígio. Ou conferiam?). Digo, a maneira de pensar, a mentalidade, arraigada, orgânica, visceral. A desigualdade à brasileira é obra de uma elite que se empenhou neste sentido, secundada obviamente pelos aspirantes a elite. Sempre e sempre. Por que este pessoal haveria de mudar a sua *forma mentis*? Por que haveria de fazer sacrifícios em proveito do surgimento de uma sociedade menos desigual e, portanto, mais contemporânea? O Brasil teria de crescer habilitando cada vez mais brasileiros à consciência da cidadania. Ou por outra, agregando-se à faixa mais produtiva da sociedade. Isto é da conveniência geral, da conveniência até daqueles refinados patrícios que hoje em dia têm casa de veraneio em Coral Gables. Mas será que eles sabem disso?

No fundo, ao desenvolver raciocínios por este caminho, você se arrisca a ser tachado de saudosista de ideologias enterradas. Em compensação, quem está por cima, de longa ou curta data, continua amarrado à mentalidade herdada dos predadores iniciais, exploradores afoitos da terra descoberta. E quem está por baixo? Descontados os números crescentes dos índices de criminalidade, a patuléia acha que a vida é assim mesmo. E amém.